

Adão e Eva na obra de Paulina Chiziane

PALAVRAS-CHAVE: Paulina Chiziane, literatura moçambicana, Bíblia e literatura.

KEY-WORDS: Paulina Chiziane, Mozambican literature, Bible and literature.

1. O romance de Mia Couto *A Confissão da Leoa* (2012) começa de uma forma magnífica, com uma frase muito curta: “Deus já foi mulher” (Couto, 2012a: 15). O romance é, na verdade, dominado por mulheres, pois são elas as heroínas; mas, no mundo que subjaz à ficção, apenas os homens contam, são eles os detentores de todos os poderes. As mulheres, casadas ou solteiras, estão todas viúvas: desapossadas do direito à felicidade. Hanifa, a mãe da protagonista do romance, em conversa com a única filha que lhe resta, diz-lhe o seguinte: “Nós todas, mulheres, há muito que fomos enterradas. Seu pai me enterrou; sua avó, sua bisavó, todas foram sepultadas vivas” (ibid.: 49). Por isso, a frase inicial está no passado. Deus já há muito tempo que não é mulher, e as mulheres não têm qualquer protecção, nem divina, nem humana.

Kulumani, a povoação onde decorre a história de *A Confissão da Leoa*, é um microcosmo muito específico, deteriorado pela guerra, a superstição, a violência doméstica e a conseqüente loucura. A personagem Mariamar, diarista e fictícia co-autora do romance, é a responsável pela frase inicial, e epitomiza, na sua desgraça, todas as humilhações das mulheres que ficaram sem deusa protectora.

Muitas passagens do romance de Mia Couto fazem-nos pensar, com algum sobressalto, no universo romanesco de Paulina Chiziane. Com efeito, o Diário de Mariamar elabora um retrato da mulher moçambicana que poderia ter sido desenhado por uma escritora que tivesse o traço duro e poderoso de Chiziane. Este facto pode ser entendido segundo duas perspectivas: por um lado, revela o talento de Mia Couto, ao dar tão autenticamente voz a uma mulher; por outro lado – e daí advém o sobressalto – parece querer dizer-nos que, independentemente do género autoral, a matéria da ficção, quando emerge da condição socio-cultural da mulher moçambicana, tende a movimentar-se de forma centrípeta, como se não houvesse órbitas de fuga. O machismo e a constrição de tradições falocráticas e misóginas

parecem reduzir a mulher a uma espécie de mercadoria que só tem valor enquanto reprodutora. Sendo infértil, a mulher é descartável. Compreende-se, portanto, o desejo de vingança ferina inscrito numa das últimas passagens do Diário de Mariamar:

E aqui deixo escrito com sangue de bicho e lágrima de mulher: fui eu que matei essas mulheres, uma por uma. Sou eu a vingativa leoa. A minha jura permanecerá sem pausa nem cansaço: eliminarei todas as remanescentes mulheres que houver, até que, neste cansado mundo, restem apenas homens, um deserto de machos solitários. Sem mulheres, sem filhos, acabará assim a raça humana. (...) Até que os deuses voltem a ser mulheres, ninguém mais nascerá sob a luz do Sol. (Couto, 2012a: 258)

A violência intelectual deste desejo de retaliação não é superficialmente retórica. Como reconhece Mia Couto em entrevista a um jornal português, apesar de ter havido grandes progressos em Moçambique no que diz respeito ao reconhecimento da dignidade das mulheres, “ainda existe a tentação de uma grande parte da sociedade masculina” em contrariar esse reconhecimento (Couto, 2012b: 32)¹. Justificam-se assim as incursões do escritor no mundo desapiedado das mulheres do seu país, lutando, através da escrita, sua arma mais eficaz, contra uma injustiça que não tem sustentação moral no mundo contemporâneo. E nesta luta também a obra coutiana se aproxima dos romances de Paulina Chiziane.

Com efeito, desde *Balada de Amor ao Vento* (1990) até a *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), toda a narrativa de Chiziane vem trabalhando, de forma obsidiante, um núcleo coeso de questões que têm sempre, como motivo dinamizador, o estatuto sociocultural da mulher moçambicana. Mesmo em romances de aparente protagonismo masculino, como *O Sétimo Juramento* (2000), as deletérias acções dos homens arrastam, na sua voracidade irrefreável, tanto o país como as mulheres, ou seja, a pátria política e a mátria primordial. Não se pense, no entanto, que o discurso de Chiziane se compraz na reconfiguração da vulgata feminista e pós-colonial debilitada pelo esparrilho das ideologias politicamente corretas. Muito pelo contrário, a força verbal da escritora advém de um desassombro inteligente que convoca para o mesmo espaço de inquirição homens e mulheres, colonizadores e colonizados, libertadores e tiranos, deuses exógenos e espíritos autóctones. As considerações de Chiziane acerca da mulher não obedecem, portanto, a qualquer cartilha programaticamente comprometida com visões parciais da realidade.

Parecem-me ser inquestionáveis o feminismo e a moçambicanidade de Paulina Chiziane; mas essas duas características são aplicáveis a outros artistas. O valor diferencial está, em meu entender, na qualidade da escrita e na amplitude filosófica da cosmovisão. E no

¹ Em entrevista ao jornal *i*, Mia Couto diz o seguinte: “Na luta de libertação houve um grande salto. Por exemplo, lembro-me de falar com mulheres que eram guerrilheiras e que nunca na vida pensaram que podiam usar calças, pegar numa arma e lutar ao lado dos homens. (...) Mas a tentação de uma grande parte da sociedade masculina é evitar isso. No entanto, daqueles países ali à volta, como o Malauí, onde mulher que saía à rua de calças corre o risco de ser agredida, Moçambique está acima da média, isso posso dizer” (Couto, 2012b: 32).

que concerne às representações da mulher, a autora compartilha a magnificência de Maria Judite de Carvalho e Fernanda Botelho, duas escritoras cuja lucidez desencantada propicia, não raras vezes, a construção de retratos femininos determinados pela crueldade de um realismo que nenhum efeito de liricização consegue atenuar. No caso de Paulina Chiziane, tudo começa com Adão e Eva.

2. Na verdade, Adão e Eva são duas personagens fundamentais do mundo literário de Paulina Chiziane. São nomeados muitas vezes, mas estão presentes mesmo em casos em que não são nomeados. Consubstanciam, portanto, o poder do mito fundador no sentido em que o mito cria, em tempos remotos, mas continua a actuar na contemporaneidade de todos os tempos. Não de todos os lugares, porque o mito não é atópico. E esta questão é essencial no que diz respeito à literatura da escritora moçambicana. Em termos religiosos, existe sempre o confronto dilemático entre o deus cristão trazido pelos marinheiros e as divindades locais nem sempre vistas com bonomia autoral. Mas no que concerne a Adão e Eva, a mensagem transmitida ao leitor é normalmente oscilante, porque o mito fundador tanto serve para justificar a situação minorizada da mulher, como é usado enquanto elemento de recusa e de revolta. Em concomitância com as figuras genésicas da tradição judaico-cristã e islâmica, surge uma das questões que têm marcado a teologia feminista hodierna: a questionação sobre o género sexual de Deus. Este tema também tem sido estudado em Portugal, predominantemente no plano filosófico e no domínio da hermenêutica bíblica, como se pode comprovar, por exemplo, através de um ensaio de Maria Luísa Ribeiro Ferreira, intitulado “Deus Pai ou Deus Mãe? Um olhar feminino sobre Deus” (Ferreira, 2010)², bem como através dos estudos de Teresa Martinho Toldy, com destaque para a sua tese de doutoramento com o título *Deus e a Palavra de Deus na Teologia Feminista* (1998).

Evidentemente, não esses os domínios da romancista Paulina Chiziane; no entanto, o seu universo ficcional não anda muito longe destas questões. Com efeito, uma das perguntas essenciais inscritas nas narrativas da escritora tem que ver, directa ou indirectamente, com a ausência da mulher, enquanto esposa, no espaço do poder divino. Assim, em *Niketche – uma história de Poligamia* (2002), Rami, a narradora protagonista, diz que Deus não é casado, e resulta precisamente desse celibato insculpido na cultura judaico-cristã toda a desgraça das mulheres. Vejamos um parágrafo do romance em que a questão é referida com alguma violência caracterizadora do estilo da autora:

Até na bíblia a mulher não presta. Os santos, nas suas pregações antigas, dizem que a mulher nada vale, a mulher é um animal nutridor de maldade, fonte de todas as discussões, querelas e injustiças. É verdade. Se podemos ser trocadas, vendidas, torturadas, mortas, escravizadas, encurraladas em haréns como gado, é porque não fazemos falta nenhuma. Mas se não fazemos falta nenhuma, por que é que Deus nos colocou no mundo? E esse Deus, se existe, por que nos

² O ensaio foi publicado no volume *A Questão de Deus. Ensaios Filosóficos* (2010), coordenado por Maria Leonor L. O. Xavier.

deixa sofrer assim? O pior de tudo é que Deus parece não ter mulher nenhuma. Se ele fosse casado, a deusa – sua esposa – intercederia por nós. Através dela pediríamos a bênção de uma vida de harmonia. Mas a deusa deve existir, penso. Deve ser tão invisível como todas nós. O seu espaço é, de certeza, a cozinha celestial. (Chiziane, 2002: 70)

Como se depreende claramente deste tipo de afirmações, a questão da “inferioridade” antropológica da mulher surge mesmo antes da criação mítica de Adão e Eva, porquanto a ausência do feminino é consubstancial à natureza solitária de Deus. A narradora de *Niketche* vai mesmo ao ponto de pôr em causa as qualidades de Deus como criador quando afirma o seguinte: “Nesta coisa de fabricar homens à sua semelhança Deus falhou em alguma fórmula: Ele permanece solteiro e os homens polígamos” (ibid.: 130). E, em outra passagem, volta a ser referida a questão da ausência de deusa celestial:

Estou a falar de mais. A pretender dizer que as mulheres são órfãs. Têm pai mas não têm mãe. Têm Deus mas não têm Deusa. Estão sozinhas no mundo no meio do fogo. Ah, se nós tivéssemos uma deusa celestial! (ibid.: 95)

Na verdade, sabemos que, em termos históricos, as coisas não são bem assim. Na mitologia greco-romana, cuja matriz simbólica e pragmática estrutura, em grande medida, a faceta mais paganizada do catolicismo, o pai dos desuses e dos homens é casado e tem família. Sendo os deuses projecções idealizadas do ser humano, não seria verosímil um Olimpo sem mulheres. Mas mesmo no catolicismo, o céu não é inteiramente masculino, porque é dominado pela presença de Nossa Senhora. Repare-se que, ao longo dos séculos, quem tem mantido, mais regularmente, a ligação entre o Céu e a Terra não é Deus, mas a mãe; é ela que tem aparecido, em visitas consoladoras. Mesmo para quem não acredita nas aparições da Virgem Maria, não pode ser despiendo o facto de ser uma mulher a reforçar o encontro entre o humano e o divino. Além disso, a representação judaica de um Deus celibatário não existiu sempre.

Na história da evolução do Deus judaico, Yahweh vai passando da conjugalidade ao celibato, à medida que a sociedade, de acordo com interesses políticos e estratégicos, se vai tornando cada vez mais patriarcal, obedecendo a um desígnio centralizador, assente em três pilares ideológicos essenciais: “um só Deus”, “um só Povo” e “uma só Lei” (cf. Cordeiro, 2007). A interdependência ancestral entre a política e a religião, exige, assim, que ao politeísmo original se oponha, veementemente, uma orientação pragmaticamente monoteísta, como se pode perceber nos livros mais claramente histórico-políticos do *Antigo Testamento*. Neste continuado processo de anulação do politeísmo, a parte feminina da divindade vai sendo sistematicamente enfraquecida até desaparecer por completo dos âmbitos normativos. E nessa rasura do feminino, quem mais terá sofrido foi Asherah, a provável esposa das figurações de Deus anteriores a Yahweh celibatário³. Constituem motivo de grande controvérsia passagens do *Antigo Testamento* como aquela que podemos ler em *Jeremias*, 7: 18:

³ Sobre a questão, vide Wright, 2011: 171-177.

Os filhos juntam a lenha, os pais acendem o fogo e as mulheres preparam a massa a fim de fazerem tortas destinadas à “rainha do céu”; depois fazem libações a deuses estranhos, para provocarem a Minha ira⁴.

Ou seja, trata-se de um processo de afirmação androcêntrica muito similar ao que acontece no universo religioso moçambicano, pois o androcêntrismo contemporâneo tem substituído, em vários domínios, o ginecentrismo estruturador do matriarcado. É por isso que, tanto no romance de Mia Couto como nos livros de Chiziane, Deus “já foi mulher”. Decorrente desta constatação, a escritora, no que diz respeito aos mitos de origem, intercala nos seus romances pequenas narrativas genesíacas inscritas na tradição cultural e religiosa dos povos moçambicanos. E o conflito adstrito às questões religiosas resulta da incompatibilidade essencial existente entre o mito do *Génesis* e as narrativas míticas africanas.

Adão e Eva, como símbolos máximos da conjugalidade monogâmica, funcionam, assim, ora como sinal negativo do Deus que veio de fora, ora como figuração do desejo de monogamia, projectado oniricamente pelas mulheres maltratadas pelo casamento poligâmico. Mas nada disto é apresentado com evidência cartesiana, porque a poligamia nem sempre é condenada nos romances de Chiziane. Não raras vezes, a poligamia é considerada a forma ideal de família, nomeadamente no que diz respeito aos filhos, porquanto “num lar polígamo não há filhos ilegítimos” (Chiziane, 2002: 75). Consequentemente, talvez possamos concluir que Adão e Eva, bem como a tradição religiosa em que se inserem, acabam por ter um estatuto essencialmente negativo. E a razão é simples: a religião estrangeira é portadora da desordem, da inquietação e da dúvida que conduzem aos conflitos culturais no seio da família e da sociedade. Repare-se, por exemplo, no que é dito acerca da preparação das raparigas para o casamento:

Os livros escritos por padres invocavam Deus em todas as posições. Sobre a posição a dois, nada! E na rua havia as revistas de pornografia. Entre a pornografia e a santidade, não havia nada. (ibid.: 46)

Em contraste com esta ausência de formação erótica imposta pelo cristianismo, existem as tradições autóctones que a protagonista de *Niketche* resume do modo seguinte:

Lobolo no sul, ritos de iniciação no norte. Instituições fortes, incorruptíveis. Resistiram ao colonialismo. Ao cristianismo e ao islamismo. Resistiram à tirania revolucionária. Resistirão

⁴ É muito interessante uma outra passagem de *Jeremias* onde se fala da “rainha do céu”: “Então, todos os homens que sabiam que suas mulheres ofereciam incenso aos deuses estranhos, todas as mulheres, ali reunidas em grande número e todo o povo residente em Patros, no Egípto, responderam a Jeremias: «Não aceitamos o que nos dizes em nome do Senhor. Antes, cumpriremos todas as promessas que fizemos de queimar incenso à rainha do céu e de lhe oferecer libações, como fazíamos nós e os nossos pais, nossos reis e nossos chefes, nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém. Então, tínhamos fartura de pão, vivíamos na abundância e não sabíamos o que era a desgraça. Porém, desde que deixámos de queimar incenso à rainha do céu, e de lhe oferecer libações, tudo nos falta e temos sido consumidos pela espada e pela fome»” (*Jer 44*, 15-18).

sempre. Porque são a essência do povo, a alma do povo. Através delas há um povo que se afirma perante o mundo e mostra que quer viver do seu jeito. (ibid.: 49)

Perante questões tão importantes como o lobolo e os rituais de iniciação, o julgamento autoral também não é definitivo e claramente apreensível. Parece-me que a visão pendular que sobressai no universo romanesco de Chiziane pode ser inquirida a partir de diversas perspectivas. O encontro conflituoso entre a Europa imperialista e a África cria, a partir da independência das ex-colónias, uma espécie de território intermédio, que poderia ser entendido como espaço de mestiçagem cultural, se este conceito não fosse ideologicamente repudiado. É que, na verdade, também não é possível regressar a um tempo pré-colonial, em demanda de uma suposta pureza africana dos costumes.

Diga-se, em abono da verdade, que Paulina Chiziane nunca cai na armadilha maniqueísta que caracteriza o discurso ensaístico de alguns europeus e americanos que escrevem sobre as culturas africanas. Isto é, nunca nos apresenta acriticamente os moçambicanos, e mormente as mulheres, como seres angélicos, vivendo em inefável harmonia com a cultura e a natureza. Colonizadas ou não, as personagens partilham, realisticamente, a luz e as trevas que são consubstanciais a qualquer ser humano, pois, como diz Joaquim Carreira das Neves, ao reflectir sobre o *Génesis*, “nunca existiu nenhum homem, raça ou civilização em estado de paraíso terrestre, a não ser em saudade e em projecção messiânica” (Neves, 1987: 124). Estamos, portanto, perante um mundo em construção, em que trabalham, com assinalável afinco, as tradições locais, os costumes trazidos pelos vários colonizadores, que, entretanto, se foram assimilando; e, como também vai sendo pertinentemente assinalado, a miríade de influências proporcionadas pela globalização contemporânea. Resulta desta miscelânea de modelos a impossibilidade realista de optar por um tipo de cosmovisão que se pretendesse redentora de todos os males falaciosamente atribuíveis ao carácter etnocida dos antigos marinheiros e seus descendentes, bem como dos padres que, como diz uma personagem de *Niketche*, “abandonaram as batinas e morrerem de amor pelas macuas da nossa ilha” (Chiziane, 2002: 207), seguindo o exemplo dos árabes, dos portugueses e dos franceses.

Tudo isto confere às personagens de Chiziane uma certa aura dramática que as transforma em figuras notáveis, mesmo quando, à partida, não parece haver motivos para enredos excepcionais. E não se trata apenas das personagens femininas; também os homens são igualmente contemplados. Com efeito, as fracturas e o emaranhado das referências culturais fazem oscilar o universo masculino. O Adão monogâmico do *Génesis* confronta-se com o Adão poligâmico de alguns mitos africanos e nem sempre o homem sai vencedor. De facto, são vários os textos em que a escritora reflecte sobre a condição masculina, ilibando, de certo modo, os homens de um anátoma redutor. E nesta questão também interfere fortemente o exemplo simbólico de Eva, porquanto é apresentada como instrutora das mulheres no seu duelo intemporal com os homens. É aprendendo com a astúcia de Eva que as mulheres conseguem transformar os homens em vítimas, particularmente os homens polígamos, que,

como Tony, o marido da protagonista de *Niketche*, são coagidos, pelas circunstâncias, a adotarem comportamentos considerados humilhantes, segundo as regras da tradição machista e androcática. Este pormenor acentua a seriedade do pensamento da autora, e expande a sua reflexão a um contexto em que se integra o chamado “mundo ocidental”, pois, nos nossos dias, a condição masculina já está muito afastada dos estereótipos novecentistas. Um sinal evidente dessa inegável transformação encontra-se, por exemplo, no sofisticado e atento olhar sobre as mulheres, veiculado pelo protagonista masculino do romance *A Cidade de Ulisses*, de Teolinda Gersão.

3. As considerações de Paulina Chiziane acerca da condição masculina do homem poligâmico defluem, naturalmente, dos problemas relacionados com a mulher. O mesmo é dizer que Adão, como símbolo e modelo formador, só tem pertinência romanesca e filosófica na dependência de Eva. E nesta preponderância do feminino, os textos de Chiziane não se afastam muito das interpretações do mito que têm sido propostas por outros escritores de língua portuguesa, nomeadamente Eça de Queirós, Machado de Assis, Aquilino Ribeiro, Jorge de Sena ou Miguel Torga.

Com efeito, nestes autores, conquanto em diversificados registos, Eva aparece sempre como pristina *mater* nutridora da humanidade e da civilização – com especial ênfase no conto “Adão e Eva no Paraíso”, de Eça de Queirós – e como amante ardilosa que, mesmo sem a elevada instrução que Vénus proporciona às ninfas da ilha dos amores camoniana, consegue seduzir Adão e fragilizar a prepotência irada do próprio Deus – agora, sim, à semelhança de Vénus em *Os Lusíadas*. Eva simboliza, portanto, o poder da mulher, uma força discreta e silenciosa, e, por isso mesmo, profundamente eficaz, desde o “lambisco de primeira, esgalgada e especiosa” do conto “Triunfal”, de Aquilino (1985: 97), até à hierática guardiã do lume, de Eça⁵. Há, nos textos dos autores referidos, uma acentuada valorização de Eva como construtora do mundo pós-edénico – o único que nos é dado conhecer. Ora, este facto pode conduzir, naturalmente, à questionação da coerência pressuposta entre a refiguração simbólica e as referências historicamente representáveis. Creio que é precisamente nesse hiato heurístico e antropológico que se situa a indagação de Paulina Chiziane. Ou seja, se Eva é simbolicamente tão importante na história da civilização, por que motivo essa importância não se tem manifestado na vida quotidiana das mulheres? No fundo, a escritora moçambicana atribui uma dimensão política ao mito genesíaco, e essa leitura constitui um acrescento hermenêutico muito considerável. Veja-se, por exemplo, no romance *O Sétimo Juramento*, a seguinte afirmação de Vera – uma mulher defraudada pelo marido:

⁵ Veja-se a seguinte passagem de “Adão e Eva no Paraíso”, de Eça de Queirós: “À nossa Mãe Venerável pertence então na caverna a doce e augusta tarefa do Lume. Ela o cria, ela o nutre, ela o defende, ela o perpetua. E, como mãe deslumbrada, descobre cada dia, nesse resplandecente filho dos seus cuidados, uma virtude ou graça nova” (Queirós, 2009: 338).

- Não tenho poderes sobre nada neste mundo. Quero usar a estratégia da serpente e usar o exemplo de Eva, a pecadora. A partir de agora a traição será a minha força. Basta de obediência cega. (Chiziane, 2000: 184)

E, em *Ventos do Apocalipse*, ao contextualizar uma cena terrível de infanticídio, a narradora desfaz toda a representação da mulher como símbolo do “amor universal”, dizendo o seguinte: “O que os poetas esqueceram é que, para além do símbolo do amor, a mulher é também parceira da serpente” (Chiziane, 2006: 243). Nestas duas passagens, a referência à serpente e ao episódio bíblico tem implicações totalmente diferentes no âmbito da reflexão da escritora. No segundo caso, trata-se de uma espécie de legitimação da maldade das mulheres que, lê-se em *Niketche*, quando “desamadas são mais mortíferas que as cobras pretas” (Chiziane, 2002: 143). No primeiro caso, a questão é bem diversa: ludibriada em todas as suas expectativas – que incluem o amor e a segurança do prestígio social – a mulher deseja aprender com Eva e a serpente, o que acaba por ser muito interessante, porque a lição conduz directamente ao comportamento masculino. Compreende-se assim a evolução do comportamento de Rami, a heroína de *Niketche*, que começando como primeira esposa submissa de um marido polígamo, vai-se transformando, através da reflexão e da experiência, numa nova Eva capaz de ombrear com o poder masculino, interrogando, ao mesmo tempo, a onisciência divina, e propondo uma original releitura do “Pai Nosso”, uma oração feminina dirigida à “mãe celestial” que ficou na sombra da História e da teologia:

Madre nossa que estais no céu, santificado seja o vosso nome. Venha a nós o vosso reino – das mulheres, claro -, venha a nós a tua benevolência, não queremos mais a violência. Sejam ouvidos os nossos apelos, assim na terra como no céu. A paz nossa de cada dia nos dai hoje e perdoai as nossas ofensas – fofocas, má-língua, bisbilhotices, vaidade, inveja – assim como nós perdoamos a tirania, traição, imoralidades, bebedeiras, insultos, dos nossos maridos, amantes, namorados, companheiros e outras relações que nem sei nomear. Não nos deixeis cair na tentação de imitar as loucuras deles – beber, maltratar, roubar, expulsar, casar e divorciar, violar, escravizar, comprar, usar, abusar e nem nos deixes morrer nas mãos desses tiranos – mas livrai-nos do mal, Ámen. (ibid.: 70)

Em outras circunstâncias, este texto poderia incorrer na tentação da heresia. Mas, neste caso, trata-se, de facto, de uma verdadeira oração, que não ofende, em nenhum aspecto, a mensagem evangélica de Jesus, exemplarmente exposta no Sermão da Montanha.

4. Como já referi, Chiziane contrapõe ao mito bíblico do *Génese* algumas narrativas africanas que também propõem uma explicação da origem da Humanidade. No início dos anos setenta do século vinte, Jorge de Sena chamava a atenção para um equívoco nocivo que tem permeado os discursos sobre África, e que consiste no facto de se falar do continente africano como se se tratasse de uma entidade una e homogénea. Ora, como esclarece o lúcido estudioso de Camões, não existe África, existem Áfricas (Sena, 2011: 196), territórios geoculturais muito diferenciados, de cuja diversidade podem servir de exemplo a atlântica Angola

e o Índico Moçambique. E mesmo a identidade de cada país é conformada pela conjugação de várias nações, detentoras de características identificadoras fundamentais, como a língua e a religião. Assim acontece em Moçambique, um país cuja fisionomia é inteiramente tributária da vocação miscigenadora do oceano Índico. No vasto território de Moçambique, existem muitas línguas, múltiplas culturas e, conseqüentemente, matizados ritos religiosos, de cuja importância nos dá testemunho a obra de Paulina Chiziane.

No que diz respeito à questão em análise, a escritora refere, por exemplo, o “paraíso dos Bantu”, um éden radicalmente diferente do seu congêneres judaico-cristão, porque, desde logo, não existe um Adão obrigatoriamente monogâmico, porquanto à solitária Eva bíblica correspondem várias mulheres igualmente primordiais. Em *Niketche*, Rami, refletindo sobre a sua condição de mulher influenciada pelo cristianismo, avalia as diferentes tradições conjugais moçambicanas, e expõe, num misto de sinceridade e repulsa, a seguinte constatação:

Corro a memória para o princípio dos princípios. No paraíso dos bantu, Deus criou um Adão. Várias Evas e um harém. Quem escreveu a bíblia omitiu alguns factos sobre a génese da poligamia. Os bantu deviam reescrever a sua Bíblia. (ibid.: 41)

Mas é sobretudo no romance *O Alegre Canto da Perdiz* que a escritora reconstrói, em registo parabólico, e usando a técnica do conto interpolado, um éden moçambicano, geograficamente sinalizado pelos montes Namuli, na província da Zambézia, um território particularmente importante, pois, como diz Nataniel Ngomane, “a província da Zambézia é apelidada de Brasil de Moçambique, em alusão ao seu lado mestiço” (Nogomane, 2008: 342). E desse lado mestiço dá Chiziane um lírico testemunho numa passagem do capítulo sexto de *O Alegre Canto da Perdiz*:

De todas as sereias, a Zambézia era a mais bela. Os marinheiros invadiram-na e amaram-na furiosamente, como só se invade a mulher amada. A Zambézia bela, encantada, gritava em orgasmo pleno: vem marinheiro, ama-me, eu te darei um filho. Eu e tu, sempre juntos, criando uma nova raça. Em todo o lado deixaremos marcas do nosso amor. Deixaremos um mulato em cada grão de areia, para celebrarmos a tua passagem por este mundo! (Chiziane, 2008: 63)

Os mitos de origem transmitidos por Chiziane constituem microcontos interpolados na tessitura romanesca, o que implica, portanto, a sua dependência da totalidade estrutural e semântica do romance. Em alguns casos, o microconto surge mesmo como discurso exemplar, didático e sapiencial, de uma personagem detentora de poder persuasivo e socialmente agregador. Este tipo de texto não tem, por conseguinte, uma função meramente ilustrativa, nem constitui um segmento narrativo insulado, embora possa, por vezes, adquirir autonomia, do ponto de vista ótico-grafemático, como acontece, por exemplo, no capítulo dezoito de *O Alegre Canto da Perdiz*. À semelhança da história de Adão e Eva, estas narrativas míticas obedecem originalmente a um propósito fundamentalmente etiológico, mas, ao serem transpostas para a codificação semântico-pragmática do romance, adquirem uma nova função, inteiramente harmonizada com a intenção autoral. Isto é, Paulina Chiziane

pretende caucionar culturalmente a desarmonia existente entre os homens e as mulheres. Voltamos, assim, à questão da hipertrofia simbólica de Eva, em contraste com a desvalorização sociopolítica da mulher.

Segundo uma leitura tradicional e redutora do episódio do *Gênesis*, a mulher paga, de certo modo, o pecado cometido por Eva. Daí a necessidade de *Eva* se transformar em *ave*, como diz o poeta Sá de Miranda na canção “À festa da anunciação de Nossa Senhora”:

O Céu, que Eva perdera,
quem no-lo abriu ficou fora de briga;
foi-lhe hoje entregue a chave,
foi-lhe o nome mudado de Eva em Ave. (Miranda, 1977: 9)

A visão tradicional não é, todavia, aceite pela hermenêutica contemporânea que, como é sabido, já nem sequer aceita a imagística bíblica no que diz respeito ao nascimento da mulher, porquanto Eva não terá sido feita a partir da “costela” de Adão, mas do seu “lado”. Ou seja, Adão e Eva são dois lados da mesma unidade, construída à imagem e semelhança de Deus, e destinada a permanecer como casal inseparável, reproduzindo, de certo modo, a androginia primordial adstrita a outras etiologias mitológicas.

Ora, Paulina Chiziane apresenta uma teoria bastante diferente. De acordo com os seus mitos de origem, narrados em *O Alegre Canto da Perdiz*, a humanidade não começou com um casal heterossexual, mas com comunidades monossexuais. No capítulo inicial do romance, o primeiro conto interpolado é narrado pela mulher do régulo, uma velha senhora exímia na arte de contar histórias. Estão, deste modo, asseguradas a autoridade da narração e a sua eficácia persuasora. E as primeiras informações do conto são declaradamente assertivas: “No princípio de tudo. Homens e mulheres viviam em mundos separados pelos Montes Namuli”; as mulheres “usavam tecnologias avançadas”, os homens “ainda eram selvagens” (Chiziane, 2008: 21).

Continuamos, portanto, no domínio da hipertrofia simbólica do feminino, como acontece, de resto, no conto “Adão e Eva no Paraíso”, de Eça de Queirós. Usando uma hábil técnica narrativa, a mulher do régulo suspende a narração quando se dá o inevitável encontro sexual entre o homem e a mulher:

O homem olhou para o corpo dela, completamente aberto, um antúrio vermelho com rebordos de barro. Ali residia o templo maravilhoso, onde se escondiam todos os mistérios da criação. E depois... (ibid.: 21)

Como é evidente, o público quer ouvir o resto da história, que termina assim:

Os homens invadiram o nosso mundo – dizia ela –, roubaram-nos o fogo e o milho, e colocaram-nos num lugar de submissão. Enganaram-nos com aquela linguagem de amor e de paixão, mas usurparam o poder que era nosso. (ibid.: 22)

Julgo que esta narrativa tem dois níveis de moralidade. Num primeiro plano, parece não haver grande diferença em relação ao *Génesis* bíblico: é a mulher que, através da sexualidade, provoca a desordem. Mas, num segundo nível, as duas histórias divergem em profundidade. No *Génesis*, Eva é a indutora do mal, no conto de Chiziane, o mal é conduzido pelo homem; o masculino é um factor de retrocesso civilizacional. Mas, muito curiosamente, as personagens masculinas nem sempre aceitam a propalada bondade das mulheres. Tony, o marido polígamo do romance *Niketche*, parece querer abdicar da sedução feminina, quando, numa situação de desespero causado por um ginecentrismo vingador, diz o seguinte:

- Deixa-me partir para um mundo onde não há mulher nenhuma, sem tentações, nem amores, nem filhos. Um mundo só de homens. Mas sei que esse mundo não ultrapassa as fronteiras da minha imaginação. Por isso vou para a casa da única mulher do mundo com amor sem igual: a minha mãe. (Chiziane, 2002: 329)

Mas regressando, para terminar, ao romance *O Alegre Canto da Perdiz*, a desarmonia entre os sexos parece formatar todos os mitos de origem, e desenvolve-se através de processos semântico-pragmáticos e retórico-estilísticos subsumíveis à reiteração em forma não só de *Leitmotiv*, mas igualmente de *Leitwort*, pois é assinalável a tendência da romancista para a recorrência vocabular ressemantizada.

A iteração de temas, motivos e palavras permite-nos regressar ao início deste trabalho. No romance *A Confissão da Leoa*, Mia Couto diz que “Deus já foi mulher”; no capítulo dezoito de *O Alegre Canto da Perdiz*, Paulina Chiziane escreve o seguinte:

A história se repete. As lendas antigas se reproduzem e se materializam. Lendas dos tempos em que Deus era uma mulher e governava o mundo. Era uma vez...(Chiziane, 2008: 220)

E a história continua, porque, segundo julgo, Paulina Chiziane convida-nos a pensar que o mundo não é perfeito, porque não foi feito; é imperfeito, porque está em construção. E, se não me engano, literatura, teologia e ciência podem partilhar, hoje, sem grandes atritos, esta ideia seminal e pluralmente motivadora: o mundo está em construção. A construção do mundo implica, naturalmente, a transformação do homem e dos seus mitos holisticamente reveladores da pretendida harmonia cósmica. “No princípio era o verbo”, diz-nos São João no prólogo cristológico do seu evangelho. A palavra “Verbo” (“Verbum”) é uma tradução relativamente pobre do termo “logos”. A palavra grega, nos seus múltiplos significados, configura uma semântica complexa que conjuga a linguagem com a razão e a vontade de compreender. Adão e Eva também são isso: uma manifestação poética da necessidade de entender a desamparada condição humana.

Hoje, quando os cientistas procuram a “partícula de Deus”, continua a haver espaço para a plasticidade intelectual do “logos”. No mais fundo da inquietação científica, a expressão “partícula de Deus” é tão liricamente metafórica como “Adão e Eva”.

Bibliografia

- ALTER, Robert (2007). *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras.
- COUTO, Mia (2012a). *A Confissão da Leoa*. Lisboa: Caminho.
- (2012b, 1 de maio). “Era muito tímido. Acho que me apaixonava três, quatro vezes por dia”. *i*, 30-32.
- FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (2010). “Deus pai ou Deus mãe? Um olhar feminino sobre Deus”. In XAVIER, Maria Leonor L. O. *A Questão de Deus. Ensaios Filosóficos*. Sintra: Zéfiro, 253-266.
- CHIZIANE, Paulina (2002). *Niketche. Uma história de poligamia*. 4ª ed. Lisboa: Caminho.
- (2000). *O Sétimo Juramento*. Lisboa: Caminho.
- (2006). *Ventos do Apocalipse*. Lisboa: Caminho.
- (2008). *O Alegre Canto da Perdiz*. Lisboa: Caminho.
- CORDEIRO, Ana Luísa Alves (2007, abril). “Asherah: A Deusa proibida”. *Revista Aulas* 4. (<http://www.unicamp.br/~aulas/>)
- MIRANDA, Francisco de Sá de (1977). *Obras Completas*. Volume II. Lisboa: Sá da Costa.
- NEVES, Joaquim Carreira (1987). “O drama do mal no mundo”. In VV.AA. *Génesis. Do Sonho à Esperança da Terra Prometida*. Lisboa: Difusora Bíblica, 115-130.
- NGOMANE, Nataniel (2008). “Posfácio”. In CHIZIANE, Paulina. *O Alegre Canto da Perdiz*. Lisboa: Caminho, 339-342.
- QUEIRÓS, Eça de (2009). “Adão e Eva no Paraíso”. In *Contos I*. Edição de Marie-Hélène Piwnik. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 315-344.
- RIBEIRO, Aquilino (1985). “Triunfal”. In *Jardim das Tormentas*. Lisboa: Bertrand.
- SENA, Jorge de (2011). *Rever Portugal. Textos Políticos e Afins*. Lisboa: Guimarães.
- TOLDY, Teresa Martinho (1998). *Deus e a Palavra de Deus na Teologia Feminista*. Lisboa: Paulinas.
- VV.AA. (1986). *Bíblia Sagrada*. 13ª ed. Lisboa: Difusora Bíblica.
- XAVIER, Maria Leonor L. O. (2010). *A Questão de Deus. Ensaios Filosóficos*. Sintra: Zéfiro.
- WRIGHT, Robert (2011). *A Evolução de Deus*. Lisboa: Guerra e Paz.

.....

RESUMO

Este artigo pretende demonstrar a presença dos textos bíblicos na obra de Paulina Chiziane.

ABSTRACT

This article intends to demonstrate the presence of biblical texts in the work of Paulina Chiziane.